

Será Muito Pedir-te a Lua? (Nota explicativa) Maria Luísa Malato Borralho

(Universidade do Porto)

Citação: Maria Luísa Malato Borralho, "Será Muito Pedir-te a Lua?", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X

<www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.html>

Prometer a Lua. Cabeça na Lua, aluada. Lua de Mel, pingando como figos de Junho. A Lua por um fio. Lua, luar, felizmente. Será muito pedir-te a Lua?

Tão próxima, tão distante. Andando ela constante à volta da Terra, só lhe conseguimos ver um dos lados, o branco. O lado do homem que trabalhava ao domingo e foi posto na Lua, carregando um feixe de lenha. Porque existe ainda outro lado, o que sempre se esconde, lado negro, lado lunar da Lua.

Quanto pesará a Lua toda?

– Saiba Vossa magestade que não pode pesar mais do que um quilo, pois todos dizem que tem quatro quartos.

Ah, Frei João sem Cuidados, destruído o mundo de Ptolomeu, mais a Lua nos pesa no pensamento! No *Ícaro Menipo*, de Luciano de Samosata, poeta do século II, já Ptolomeu era indigno, quando observado da Lua. No século XVII, quando irremediavelmente perdemos o centro do Universo, ganhámos a hipótese de nós, Terrestres, não estarmos mais sozinhos: Luanos, Marcianos, Venusianos... Antes do século XX, das viagens de Emilio Salgari, de Júlio Verne, de H. G. Wells, antes ainda do homem que Edgar Allan Poe colocou na Lua, já o século XVII a vê muito habitada. *Somnium*, de Kepler, em 1634, faz da Lua o sonho de um astrónomo. Cyrano de Bergerac, em 1657, na *História Cómica dos Estados e Impérios da Lua*, imagina nela, em certa medida, um reino da Poesia em que o dinheiro foi substituído por poemas e os habitantes falam através da Música ou da Dança. É na Lua que a sua personagem encontra o luso-espanhol Domingo Gonzales que por lá tinha ficado, produto da ficção de Francis Godwin, *O Homem na Lua* (1638). A Lua é um espelho, reflecte a imagem que lhe damos. Durante o século XVIII, a viagem à Lua será cada vez mais um pretexto para utopias tecnológicas, fascinadas pelos progressos científicos. A 5 e 8 de Agosto de 1709, sob o signo do Sol, Bartolomeu de Gusmão apresenta à Corte a sua Passarola: voa, mas incendeia-se facilmente. No mês de Junho de 1783, os irmãos Montgolfier, filhos de um industrial de papel, lançam-se com êxito num balão de seda. Num domingo, no mesmo dia da semana em que um homem teria colhia a lenha que lhe valeria a prisão na Lua, subiria Lunardi, num Balão aerostático, os céus de Lisboa. Bocage vê-o chegar, a 24 de Agosto de 1794, ao Templo da Mémória e canta-o, "Lá, onde a feia inveja desgrelhada/ Ao mérito não move horrível guerra,/ Nem sobre chusma inerte e desprezada/ Cospe o veneno, as víboras aferra./ Lá, na ditosa e lúcida morada,/ Defesa dos vícios de que abunda a Terra". Como foi Lunardi buscar o nome ao que visava?

José Daniel Rodrigues da Costa viverá com a notícia de tais viagens. Nasceu a 30 de Outubro de 1757, em Leiria, e faleceu, em Lisboa, a 7 de Outubro de 1832. Era tão pobre e esforçado que mereceu o favorecimento de Pina Manique e foi acolhido na Nova Arcádia, em casa do Conde de Pombeiro, onde desdenhava dos versos de quase todos os pastores com o nome de Josino Leiriense. Ao seu lado, passavam os governantes e os governados. Se José Daniel Rodrigues da Costa fosse a personagem de uma comédia, nela teria a função do Coro. Tudo observa à procura de uma Ordem, mas oscilando entre a voz do Povo e a voz de Deus, entre evidências e ironias, sarcasmos e adulações, imagens e profecias, para afinal ficar pela pintura caricaturada de um panorama de feira popular.

– "Cheguem Senhores, cheguem, e pelos vidros desta *Câmara Óptica* observem as extravagantes cousas que se apresentam aos olhos de quem as quer ver em quadros de vivas pinturas". Assim dirá ele, em 1807, numa *Câmara Óptica*, onde as vistas às avessas mostram o mundo às direitas.

Do seu livro *O Balão aos Habitantes da Lua: poema herói-comico em um só canto* conhecem-se pelo menos quatro edições. A de Lisboa, na Impressão Regia, em 1819, reimpressa no Rio de Janeiro, em 1821. Assinala-se a terceira edição em Lisboa, na Impressão de João Nunes Esteves, 1822. Século e meio mais tarde, em 1978, para as Edições 70, Alberto Pimenta recuperará o texto já esquecido. Nesta Lua de José Daniel Rodrigues da Costa, encontraremos nós a Utopia ou a Realidade?

Eu canto o herói que voa sem ter asas

Nas altas regiões de frio e fogo (...)

Que, indo buscar nas nuvens desafogo

As dúvidas tirou à gente perra

Que teima em que na Lua não há Terra.